

Ataques de inspiração islâmica deixam aldeias desertas

A vez de refugiados na

Por Armando Nhandumbo/Fotos: Naíta Ussene, nossos enviados à Mocimboa da Praia

Os ataques armados com inspiração no fundamentalismo islâmico que estão a aterrorizar o distrito da Mocimboa da Praia, desde a madrugada de cinco de Outubro último, já estão a causar deslocamentos forçados da população que, desesperada, abandona suas casas à procura de refúgio.

No interior daquele distrito situado no extremo norte da província de Cabo Delgado, cerca de 330 km, há aldeias que já estão, praticamente, desertas, dado o abandono massivo dos seus residentes.

É o caso de Mitumbate, que tinha 3.416 habitantes, e Maculo, com 3.320 habitantes, que agora estão, praticamente, às moscas, salvo a presença das Forças de Defesa e Segurança ali posicionadas, provenientes de vários pontos da província para "repor a ordem". Mitumbate e Maculo, duas aldeias costeiras situadas, respectivamente, a 28 e 35 km da vila sede distrital, foram palco, na madrugada de 29 para 30 de Novembro, de uma violenta incursão do grupo armado que reivindica a implantação de um islamismo fundamentalista na região.

Nessa investida, quase dois meses depois dos primeiros ataques, o grupo, que no início prometia não fazer mal à população, mas sim as autoridades governamentais, assassinou, à catanada, segundo relatos populares, 4 indivíduos [os dados oficiais referem-se a três atacados a catanada, que terão ficado gravemente feridos, sendo que um acabou perdendo a vida] e incendiou 27 casas e uma Igreja Católica. Foi o incidente que precipitou a fuga massiva da população que receia cair nas garras dos atacantes.

Mas não é só a população de Mitumbate e Maculo que deixou para trás as suas zonas habitacionais. Algumas aldeias vizinhas também ficaram às moscas, uma vez que os seus habitantes, também aterrorizados com os



São pessoas de todas as idades que dizem adeus às suas zonas de origem

ataques nas proximidades, abandonaram as suas casas. É o caso da aldeia Xipingo, próxima de Mitumbate, que também ficou deserta.

A triste sina dos refugiados

Como não existe centro de acolhimento de refugiados na Mocimboa da Praia, uma equação que até aqui está fora da equação do Governo distrital que, pelo contrário, aposta na sensibilização da população para regressar às suas zonas de origem, as populações que abandonam as suas aldeias buscam refúgio em casa de familiares, em vários pontos do distrito.

Quem não tem familiar encontra protecção em casa de pessoas de "boa vontade".

Para além da vila sede distrital, onde camionetas entram carregadas de pessoas e seus pertences, o SAVANA testemunhou a chegada de refugiados na

sede localidade de Quelimane, situada a cerca de 30 km da vila de Mocimboa, pela R762, que liga aquele distrito ao de Palma, o epicentro da indústria do gás no norte do país. Em Quelimane, os refugiados são maioritariamente provenientes de Mitumbate e Maculo. Na aldeia 25 de Junho, há 25 km da vila sede do distrito, indo pela mesma estrada que dá à Palma, também há dezenas de refugiados, vindos, sobretudo, de Xipingo, uma povoação que está entre a aldeia 25 de Junho e Mitumbate.

Crianças ao colo, trouxas na cabeça [a pé], outras transportadas em camionetas ou em bicicletas [para quem pode], é o cenário dramático duma população que está a abandonar suas casas à procura de terras onde se respira paz.

Mulheres e homens, jovens, crianças e velhos, de todos, ninguém fica para trás. Quem consegue leva consigo o

seu património, como camas, cadeiras, utensílios domésticos e mandioca seca, usada para confeccionar papas para enganar o estômago. Alguns, apanhados desprevenidos, deixaram tudo para trás.

Nas zonas de chegada, as famílias refugiadas partilham quintais com as famílias hospedeiras.

Nalguns desses quintais, concebidos para famílias de até 7 membros, hoje vivem 20 a 40 pessoas. Nalgumas casas visitadas pela nossa reportagem, na aldeia 25 de Junho, deparamo-nos com perto duma dezena de camas espalhadas ao relento num minúsculo quintal. É nessas camas, de fabrico caseiro e sem o mínimo de conforto, onde se deitam compatriotas nossos, sem nada para estender nem para cobrir.

Mas o grosso dos refugiados, incluindo crianças, se deita mesmo no chão, também ao relento, expostos à cacimba da noite e a chuviscos que, por estas alturas, abundam na Mocimboa.

Só uma minoria é que cabe nas pequenas casas de adobe onde, mesmo assim, dorme aos apertos.

Na passagem pelo local, o SAVANA testemunhou um dos momentos dramáticos: chovia e aquela multidão e seus pertences molhavam debaixo de árvores.

E há queixas de fome. Entretanto, o SAVANA apurou que, desde terça-feira, ninguém é permitido [a proibição está a cargo das tropas posicionadas nas aldeias] tirar os seus pertences, incluindo produtos alimentares como a mandioca seca, das "zonas sem ninguém".

Entende o Governo, que diz estar a trabalhar para o regresso dos refugiados às suas zonas de origem, que pode haver oportunistas que se queiram aproveitar da situação para se apoderarem dos bens da população que agora anda fugitiva.

Relatos dramáticos

"Estou aqui para me esconder. Estou a fugir da guerra. Aqui vivemos assim mesmo, dormimos fora e no chão. Para comer só temos mandioca seca" é o relato dramático de Amina Ali, uma idosa que saiu de Xipingo juntamente com seis netos e esposo à procura de refúgio na aldeia 25 de Junho.

Mas a vovó Amina é apenas uma de milhares de pessoas que experimentam a triste sina de um refugiado.

"Aqui onde estou não é casa de algum familiar, não. O dono é um velho que apenas me está a ajudar. Somos sete pessoas, incluindo meus pais e irmãos. Saímos por problema de guerra. Vieram Al-shabaabes queimaram casas e levaram cabritos e galinhas. Da primeira vez mataram meu tio e chefe do bairro. Aqui só temos mandioca seca" relata também Momade Adbala que, juntamente com a família, abandonou a aldeia de Mitumbate à procura de paz na sede da localidade de Quelimane.

"Estamos aqui fugindo desses bandidos. Mataram líder e outras 4 pessoas. Queimaram casas. Não é possível viver lá. Estamos a transportar nossas coisas. Não sabemos onde ficar. Dormimos fora. Não digo se chover, nem sei como será. Estamos a passar fome, com crianças" conta Assumane Saide que, com os pais, esposa e filhos, fugiram de Xipingo para 25 de Junho.

"Atacaram da primeira vez e aguentamos e da segunda já não", diz Omar Issa.

"Fugimos por causa da guerra. Ela [a guerra] ainda não chegou na nossa comunidade [Xipingo], mas nos vizinhos mataram e queimaram casas. Começaram lá na vila e agora já vieram para cá no mato", alinha Sefo Rachide.

"Sáí da minha comunidade por causa



Amina Ali e as netas, refugiadas, queixam-se de fome



Momade Sumail



Bibiana Damião

a Mocímboa da Praia



Rodrigo Puruque, administrador da Mocímboa da Praia



Com saco de mandioca na cabeça, avó e neta fogem dos Al Shabaab



Transportando carne e sacos de mandioca na bicicleta, lá vai um homem para começar a vida de um refugiado



É indistigável o desespero de um velho que se vê obrigado a viver como refugiado

da guerra. Ninguém ficou. Transportamos camas, mandioca e tudo para aqui. É tempo chuvoso e não sabemos onde ficar. À noite dormimos fora com as crianças. Há fome aqui porque não temos comida, só temos mandioca seca, mais nada, mas lá tínhamos machambas e tudo”, diz Mariamo Azubedo.

“ Vim para aqui por problema de guerra. Foram os Al-Shabaabes que puseram fogo em casa e não sei porque”, diz Bibiana Damiano.

“Pessoalmente vi-os a irem à casa do chefe onde tiraram bandeira e queimaram. Eram muitos e estavam armados e com catanas. Deixamos tudo lá e aqui estamos a viver de apoios de pessoas de boa vontade”, testemunha Momade Sumail, que se viu obrigado a fugir de Maculo, levando consigo o seu pai, tomado por uma doença crónica.

“Aqui somos 40 pessoas, mas ali são 25 pessoas e naquela outra casa são 30” diz Abdala Suadi, um dos vários residentes da aldeia 25 de Junho e não só, que recebeu, em sua casa, mais de três dezenas de refugiados.

“Devem regressar” - administrador distrital

Embora com um discurso político, o administrador da Mocímboa da Praia deixa claro que há aldeias quase desertas. “Muita gente saiu, sim, lá ficaram

poucas” confirma Rodrigo Puruque, em referencia à Mitumbate e Maculo, onde esteve esta terça-feira, numa “visita militar” negada a jornalistas.

Contudo, o governante, nem mais, diz que as comunidades devem regressar às suas zonas de origem, de onde fugiram dos ataques armados.

“Estamos a sensibilizar, dizer que já há força lá, porque as populações saíram por falta de protecção” disse Rodrigo Puruque, acrescentando que “prometemos, dentro de algum tempo, estabilizar a zona”.

Para o administrador, o que as populações precisam é só ter pessoal da segurança que lhes assegure as suas vidas e a reconstruir e, nisso, diz que se a força militar, que incluiu a Unidade de Intervenção Rápida (UIR) e Grupo de Operações Especiais (GOE) foi enviada para Mocímboa, não foi para ficar na cidade, mas para tomar conta das zonas de perturbação.

“Não queríamos encorajar que [os refugiados] ficassem mais tempo e a melhor estratégia é criar a protecção”, afirmou, sublinhando que “o que queremos estancar é que ninguém mais venha para cá [na vila]. Os que estão cá devem voltar. Saíram por insegurança, agora há segurança”.

Diz que o Governo está a mobilizar apoios, nomeadamente, produtos alimentares como açúcar, arroz, sabão, óleo e quites de emergência, contendo material de construção como rolo de plásticos, enxadas, catana, pá e arames para ajudar as comunidades a se reerguerem.

Mas há um entretanto. Esses apoios só serão distribuídos nas zonas de origem, o que implica, portanto, o regresso dos refugiados.

“É uma questão estratégica. Estando lá [na zona de origem] é fácil distinguir quem não tem comida. Aqui parece que todos não têm comida” defende o administrador, que falava em exclusivo aos enviados do SAVANA à Mocímboa da Praia.



Momade Abdala